

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – LASEB

ALESSANDRA APARECIDA DA SILVA

Atuação docente na inclusão escolar de estudantes com deficiência: concepção, desafios e estratégias

Itabirito
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – LASEB

ALESSANDRA APARECIDA DA SILVA

Atuação docente na inclusão escolar de estudantes com deficiência: concepção, desafios e estratégias

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência para a Educação Básica com área de concentração em Docência e Inclusão Escolar: Pessoas com Deficiência e a Prática Pedagógica na Escola.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Cristina de Souza

Itabirito
2025

S586a
TCC

Silva, Alessandra Aparecida da, 1991-
Atuação docente na inclusão escolar de estudantes com
deficiência [manuscrito] : concepção, desafios e estratégias / Alessandra
Aparecida da Silva. -- Belo Horizonte; Itabirito, 2025.
51 p. : il., color.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Aline Cristina de Souza.

Bibliografia: f. 45-46.

Apêndices: f. 47-51.

1. Educação. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva.
4. Inclusão em educação. 5. Professores de educação especial.
6. Itabirito (MG) -- Educação.

I. Título. II. Souza, Aline Cristina de. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação em Docência para
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO NONINGENTÉSIMO QUINQUAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOCÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA**

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título “**Atuação docente na inclusão escolar de estudantes com deficiência: concepção, desafios e estratégias**”, do(a) aluno(a) **Alessandra Aparecida da Silva**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Aline Cristina de Souza (orientador) e Gislaïne de Fátima Ferreira Leite. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte, 12 de julho de 2025.

Aluno(a) Alessandra Aparecida da Silva
Alessandra Aparecida da Silva

Registro na UFMG: 2024695730

Aline Cristina de Souza
Profa. Dra. Aline Cristina de Souza
Orientador(a)

Gislaïne de Fátima Ferreira Leite
Profa. Dra. Gislaïne de Fátima Ferreira Leite
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação em Docência para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Prefeitura de Itabirito pela oportunidade de realizar este curso, que foi tão importante para minha formação e crescimento profissional.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), agradeço a todos os professores e aos coordenadores da LASEB, pelo compromisso, dedicação e acolhimento ao longo da especialização.

À minha orientadora, Doutora Aline Cristina de Souza, minha profunda gratidão por cada orientação, pelas correções detalhadas, pelas dicas preciosas e pela sua generosidade em compartilhar tanto conhecimento. Sua dedicação e olhar atento fizeram toda a diferença nesse percurso. Sem dúvida, foi a melhor orientadora que eu poderia ter — e que já conheci. Esse trabalho carrega muito do seu cuidado e da sua competência.

Agradeço também à diretora da escola onde trabalho, Eliane, que acreditou em mim, me incentivou a iniciar o curso e esteve sempre disposta a me ajudar no que fosse necessário.

Sou grata aos professores que participaram da pesquisa, dedicando seu tempo para responder ao questionário e contribuir com este estudo.

A todos, o meu sincero muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os desafios enfrentados pelos professores no atendimento ao Público da Educação Especial no contexto escolar, destacando as barreiras encontradas e as estratégias adotadas por eles no processo inclusivo. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, utilizando questionários online aplicados a professores do 6º ano do Ensino Fundamental II em uma escola municipal. Os participantes, com formações e experiências variadas, relataram dificuldades relacionadas à falta de formação continuada em Educação Especial, excesso de alunos em sala e baixa participação das famílias no processo inclusivo. Além disso, mencionaram a carência de recursos pedagógicos adaptados e a necessidade de suporte técnico especializado para lidar com as especificidades dos alunos público da Educação Especial. Mesmo diante dessas dificuldades, os docentes demonstraram empenho em buscar soluções para garantir a inclusão de forma mais efetiva, utilizando estratégias pedagógicas diversificadas, como adaptações curriculares e incentivo à participação ativa da família. Os resultados evidenciam a importância de um olhar atento às necessidades dos professores, ressaltando a relevância da formação continuada e da articulação entre escola e comunidade para o sucesso da inclusão escolar.

Palavras-chave: Educação Especial; Inclusão Escolar; Formação Continuada; Estratégias Pedagógicas.

ABSTRACT

This study aims to understand the challenges faced by teachers in serving Special Education students in the school context, highlighting the barriers encountered and the strategies adopted by them in the inclusion process. The research uses a qualitative, descriptive, and exploratory approach, using online questionnaires administered to 6th-grade elementary school teachers at a municipal school. Participants, with varied backgrounds and experiences, reported difficulties related to the lack of continuing education in Special Education, excessive class size, and low family participation in the inclusion process. Furthermore, they mentioned the lack of adapted pedagogical resources and the need for specialized technical support to address the specific needs of Special Education students. Despite these challenges, teachers demonstrated commitment to finding solutions to ensure more effective inclusion, using diverse pedagogical strategies, such as curricular adaptations and encouraging active family participation. The results highlight the importance of closely monitoring teachers' needs, highlighting the importance of continuing education and school-community collaboration for successful school inclusion.

Keywords: Special Education; School Inclusion; Ongoing Training; Pedagogical Strategies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Estudantes público da Educação Especial por turma e diagnóstico	25
Quadro 2. Caracterização dos participantes	26
Quadro 3. Contato com o público da educação especial	30
Quadro 4. Falas ilustrativas sobre a participação docente frente a inclusão escolar	33
Quadro 5. Desafios docentes	34
Quadro 6. Estratégias docentes.....	35
Quadro 7. Sentimentos docentes	38
Quadro 8. Participação da gestão no suporte à inclusão escolar	39
Quadro 9. Participação da família no suporte à inclusão escolar	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Especialização ou formação continuada em Educação Especial	29
Figura 2. Contato e atuação junto a estudantes público da Educação Especial.....	32

LISTA DE SIGLAS

IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais.....	11
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais	11
PAEE – Público da Educação Especial	13
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.....	16
LDB – Lei de Diretrizes e Bases	17
TEA – Transtorno do Espectro Autista	26
MEC – Ministério da Educação	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.2 Objeto	13
1.3 Problema de pesquisa	14
1.4 Hipótese	14
1.5 Objetivos.....	14
1.5.1 Objetivo geral	14
1.5.2 Objetivos específicos.....	14
1.6 Justificativa.....	15
SEÇÃO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL 16	
1.1. As Primeiras Iniciativas (Século XIX)	16
1.2. O Modelo Médico-Assistencialista e os "Ineducáveis" (Início do Século XX)	16
1.3. A Expansão da Educação Especial (Décadas de 1950 e 1960)	16
1.4. A Luta pela Inclusão (Décadas de 1980 e 1990)	17
1.5. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)	17
1.6. Os Desafios Atuais	18
1.7. O Cenário Atual da Educação Inclusiva.....	18
1.8. Inclusão escolar e os desafios cotidianos	18
SEÇÃO 2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA	22
2.1. Formação de professores no Brasil.....	22
2.2. Formação de professores para atuação na perspectiva inclusiva.....	23
SEÇÃO 3. METODOLOGIA	25
3.1. Contextualização da pesquisa	25
3.2. Participantes	26
3.3. Local de pesquisa.....	26
3.4. Instrumentos de Coleta de Dados	27
3.5. Coleta de Dados.....	27
3.6. Análise de Dados	27
SEÇÃO 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
A. Especialização e Formação em Educação Especial	29

B. Contato com estudantes público da Educação Especial	30
C. Percepções e Desafios docentes sobre a Inclusão Escolar	32
D. Estratégias Adotadas pelos Docentes	35
E. Sentimentos e rede de apoio no processo inclusivo	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	46

Apresentação

Desde criança, sempre tive um grande carinho e admiração pelas minhas professoras. Lembro-me de como elas demonstravam dedicação e cuidado com todos os alunos, independente das suas diferenças. Via colegas de sala que eram mais esforçados e outros que traziam mais desafios, mas todos recebiam atenção.

Sou a segunda de quatro irmãs, filha de pais que vieram da roça e, apesar de não terem concluído o Ensino Fundamental, sabia ler e escrever. Meu pai trabalhou como servente de obras e minha mãe se dedicava ao lar e à nossa família. Minhas irmãs e eu estudamos em escola pública e, desde cedo, assumi um papel importante no apoio às minhas irmãs mais novas, especialmente à caçula, que tem sete anos de diferença de idade em relação a mim. Essas experiências reforçaram em mim a responsabilidade e o carinho pelo ensino. Lembro-me, claramente, de quando ensinei minha irmã mais nova a olhar as horas, algo que eu mesma havia tido dificuldades para aprender.

Quando tinha cerca de 13 anos, dei aulas de reforço para a filha de uma vizinha, que era alguns anos mais nova que eu. Foi minha primeira experiência como professora e, naquele momento, percebi que essa era uma profissão que eu gostaria de seguir. Ao ajudar minhas irmãs e a vizinha, fui desenvolvendo uma paixão pela educação e pelo processo de aprendizagem.

No entanto, com o tempo, a vida me levou por outros caminhos, e o sonho de ser professora ficou adormecido. Depois de concluir o Ensino Médio, ingressei no curso de Tecnologia em Gestão da Qualidade no Instituto Federal de Minas Gerais – (IFMG), em Ouro Preto, onde nasci e cresci. Me mudei para a cidade de Itabirito e acabei não atuando na área de formação.

Após algum tempo em Itabirito, a prefeitura abriu um concurso público e escolhi o cargo de Secretária Escolar. Fui aprovada e nomeada em 2016, atuando dentro da escola o desejo de ser professora voltou a crescer em mim, decidi então fazer o curso de Pedagogia. Formei-me em 2021, em meio à pandemia de COVID-19 e, por esse motivo, não tive a oportunidade de realizar o estágio. Desde então, ainda não atuei na área porque não consigo conciliar outra profissão com meu horário de trabalho atual.

Em 2023, decidi prestar o concurso público da Prefeitura Municipal de Itabirito para o cargo de professora da educação básica dos anos iniciais. Fui aprovada e, agora, aguardo minha nomeação, o que será uma etapa muito importante na minha vida. Esse cargo efetivo trará a segurança que eu tanto valorizo, além de me permitir realizar o sonho de lecionar.

Trabalho como Secretária Escolar há oito anos e, embora meu contato direto com os alunos seja limitado, participo ativamente de atividades administrativas e pedagógicas. Participo de reuniões pedagógicas, conselhos de classe e mantenho um diálogo constante com a diretora, supervisores e professores sobre o cotidiano escolar.

Nesse cenário, surgiu a oportunidade de cursar a especialização ofertada pelo Laseb, no qual consiste em uma Pós-Graduação Lato Sensu em Formação em Docência para a Educação Básica junto a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Enxergo essa especialização como uma chance de aprofundar meus conhecimentos, tanto para me preparar melhor como futura professora quanto para contribuir no meu trabalho atual. Ao desenvolver competências relacionadas à inclusão e diversidade, quero colaborar para a construção de uma escola mais inclusiva, onde todos, desde os professores até os funcionários administrativos, estejam engajados na missão de acolher as diferenças.

INTRODUÇÃO

A Educação Especial ocupa um papel fundamental nas políticas educacionais, visando garantir que estudantes público da Educação Especial recebam atendimento adequado e inclusivo. Com a Conferência Mundial de Jomtien (1990) e a Declaração de Salamanca (1994), firmou-se o compromisso de incluir no cenário educacional este público, bem como garantir a sua aprendizagem e permanência com qualidade. No entanto, o movimento só se efetivou após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). A inclusão desses alunos em escolas regulares representa um grande avanço, mas também traz imbrincado desafios significativos para o ambiente escolar e, especialmente, para os professores.

Embora documentos oficiais, como a Resolução CNE/CEB nº 4/2009, ainda utilizem o termo “público-alvo da Educação Especial”, este trabalho adota a nomenclatura “público da Educação Especial”, se alinhando com as discussões atuais sobre inclusão. Essa escolha acompanha as discussões mais recentes sobre inclusão, que defendem uma linguagem mais respeitosa e acolhedora, evitando termos que soem classificatórios ou que reforcem rótulos. A ideia é valorizar a diversidade dos estudantes e reconhecer que cada um tem suas necessidades e potencialidades.

O processo de inclusão não se limita apenas à matrícula desses estudantes em salas de aula regulares, mas sim na garantia qualitativa da aprendizagem. Diante disso, torna-se necessário assegurar que o aprendizado seja acessível e que todos participem de maneira ativa no ambiente escolar. Essa exigência, no entanto, apresenta dificuldades para os docentes que precisam adaptar suas práticas pedagógicas, reavaliar metodologias e, muitas vezes, contar com recursos materiais que são insuficientes para atender à diversidade do público. A situação é ainda mais complexa em locais onde os investimentos em infraestrutura, formação docente e tecnologias assistivas são limitados, prejudicando o desenvolvimento de uma educação verdadeiramente inclusiva.

A preparação e a formação continuada dos professores são pontos de destaque em muitos movimentos investigativos e discursivos. Muitos educadores relatam que, durante sua formação inicial, tiveram pouco ou nenhum contato com disciplinas que abordassem a Educação Especial associado à prática de ensinar alunos público da Educação Especial. Isso colabora para o sentimento de insegurança profissional e a sensação constante de despreparo ao lidar com as necessidades desses alunos. Além disso, quando há formação continuada, ela

nem sempre aborda situações reais da sala de aula, o que torna ainda mais complexo aplicar métodos eficientes de inclusão.

1.2 Objeto

O objeto desta pesquisa consiste em compreender os desafios e as práticas de inclusão escolar voltadas ao público da Educação Especial em uma escola regular. A investigação foca no papel dos professores como agentes fundamentais nesse processo, buscando analisar as barreiras que enfrentam no dia a dia e as soluções que desenvolvem para promover uma educação inclusiva. Também examina as condições estruturais e pedagógicas da escola, avaliando como influenciam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos público da Educação Especial.

1.3 Problema de pesquisa

Quais são os principais desafios enfrentados pelos professores junto ao público da Educação Especial em uma escola regular, e quais estratégias eles utilizam para superar essas dificuldades no contexto da inclusão escolar?

1.4 Hipótese

Acredita-se que os desafios enfrentados pelos professores no atendimento ao público da Educação Especial em uma escola regular estão relacionados à falta de formação específica, à carência de recursos pedagógicos e estruturais e à ausência de suporte adequado. Contudo, por meio da troca de experiências realizada com outros profissionais e apoio das famílias, os professores desenvolvem estratégias que podem promover uma educação mais inclusiva e significativa para todos os alunos. Apesar disso, os professores conseguem desenvolver soluções efetivas e adotar práticas colaborativas que possibilitam avanços importantes no processo de inclusão, mesmo diante das limitações existentes.

1.5 Objetivos

1.5.1 Objetivo geral

O objetivo deste trabalho consiste em identificar os principais desafios enfrentados pelos professores ao atender estudantes público da Educação Especial, bem como compreender as estratégias que eles utilizam para superar essas dificuldades no processo de inclusão escolar.

1.5.2 Objetivos específicos

- Descrever os estudantes público da Educação Especial matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental II;
- Identificar as dificuldades vivenciadas pelos docentes do 6º ano do Ensino Fundamental II frente ao processo de inclusão escolar;
- Analisar as estratégias utilizadas pelos docentes do 6º ano do Ensino Fundamental II no processo de inclusão escolar frente as dificuldades vivenciadas.

1.6 Justificativa

Este trabalho busca contribuir para uma temática muito importante no campo educacional: a inclusão escolar de estudantes público da Educação Especial. Compreender os desafios enfrentados pelos professores que lidam com esses alunos e as estratégias que utilizam é essencial para melhorar a qualidade da educação, com vistas a criar um ambiente mais acolhedor e justo para todos.

A relevância deste estudo está pautada na necessidade de promover uma educação inclusiva que não se limite à presença dos alunos nas escolas, mas que garanta a eles a aprendizagem de forma significativa, com participação em todas as atividades. Muitos professores relatam dificuldades em lidar com as necessidades apresentadas por seus alunos, seja por falta de formação específica, seja pela ausência de recursos adequados. Por isso, este trabalho visa não apenas apontar os problemas/desafios, mas também compartilhar experiências exitosas e soluções práticas que possam inspirar e contribuir para a atuação de outras escolas e professores. Além disso, é importante destacar que a educação inclusiva beneficia não apenas os alunos com deficiência, mas toda a comunidade escolar. Ela promove o respeito às diferenças, incentiva a cooperação e prepara os estudantes para viver em uma sociedade mais igualitária. Por isso, compreender e superar os desafios da inclusão é uma tarefa coletiva e urgente.

Este estudo encontra-se dividido em duas partes teóricas, a saber: Seção 1 – Contextualização Histórica da Educação Especial; Seção 2 -Formação dos docentes. Seguido

por delineamento metodológico – plano de ação. Posteriormente, tem-se resultados e discussão. Bem como as considerações finais.

SEÇÃO 1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A história da Educação Especial no Brasil reflete uma longa caminhada em busca de direitos e inclusão social para pessoas com deficiência. Esta seção aborda os principais marcos históricos, desde o surgimento das primeiras instituições no século XIX até a consolidação de políticas educacionais inclusivas no século XXI, destacando a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) como um marco fundamental.

1.1. As Primeiras Iniciativas (Século XIX)

O início da Educação Especial no Brasil remonta ao século XIX, quando o imperador D. Pedro II fundou o Instituto dos Meninos Cegos (1854), hoje Instituto Benjamin Constant (IBC), e o Instituto dos Surdos-Mudos (1857), atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Essas instituições seguiram o modelo europeu, que segregava pessoas com deficiência em locais especializados, como asilos e hospitais psiquiátricos (Galindo, 2012). Essa abordagem focava na assistência e no tratamento, e não na educação inclusiva.

1.2. O Modelo Médico-Assistencialista e os "Ineducáveis" (Início do Século XX)

No início do século XX, prevalecia o modelo médico-assistencialista, que entendia a deficiência como uma doença a ser tratada. As pessoas com deficiência eram atendidas em instituições específicas, separadas da sociedade. Durante esse período, muitas crianças com deficiências severas eram classificadas como "ineducáveis", sendo consideradas incapazes de aprender. Essa visão levou à exclusão sistemática de muitas dessas crianças do sistema educacional, limitando suas oportunidades de desenvolvimento e participação social (Mendes, 2010).

O conceito de "ineducáveis" refletia o pensamento predominante da época, que via a educação dessas pessoas como inviável ou desnecessária. Esse modelo reforçava a segregação e contribuía para o estigma social que ainda hoje apresenta reflexos na luta por uma educação inclusiva.

1.3. A Expansão da Educação Especial (Décadas de 1950 e 1960)

A partir de 1950, houve um aumento na criação de instituições voltadas para pessoas com deficiência, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a Sociedade Pestalozzi. Essas organizações desempenharam um papel importante ao preencher lacunas deixadas pelo Estado. Entretanto, o atendimento continuava segregado e centrado em classes especiais ou instituições separadas (Mazzotta, 2011).

Na década de 1960, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 4.024/61) destacou a necessidade de integrar pessoas com deficiência ao sistema educacional. No entanto, na prática, essa integração era limitada, reforçando ainda o modelo segregacionista.

1.4. A Luta pela Inclusão (Décadas de 1980 e 1990)

A Constituição Federal de 1988 trouxe avanços significativos ao garantir o direito à educação para todos, sem discriminação. Em 1990, a Declaração Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, reafirmou o compromisso de incluir crianças com deficiência no sistema educacional regular. Já a Declaração de Salamanca (1994) consolidou a ideia de que as escolas regulares deveriam atender a todos os alunos, promovendo a inclusão como princípio fundamental (Brasil, 1994).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN, Lei nº 9.394/96) reforçou esses compromissos, definindo a Educação Especial como uma modalidade transversal que deveria ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, com o suporte necessário para atender às especificidades dos alunos.

1.5. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)

A publicação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva foi um marco histórico. Essa política destacou a importância de eliminar barreiras para a participação plena dos alunos com deficiência na escola regular. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) foi instituído como um serviço de apoio complementar e/ou suplementar, oferecendo recursos pedagógicos e de acessibilidade para garantir o aprendizado dos estudantes, além de delimitar quem é o público da Educação Especial – pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento¹ e altas habilidades/superdotação (Brasil,

¹ A partir de 2013, com a mudança no DSM IV para o DSM-V, o transtorno do espectro autista passou a ser a nomenclatura utilizada.

2008). Essa política também enfatizou a formação de professores e a adaptação dos currículos escolares como elementos essenciais para a inclusão. Além disso, consolidou a ideia de que a Educação Especial não deve ser restrita a espaços segregados, mas integrar-se a todos os níveis e modalidades de ensino.

1.6. Os Desafios Atuais

Embora avanços significativos tenham sido alcançados, ainda há desafios a serem superados. A formação insuficiente dos professores, a falta de recursos pedagógicos adaptados e o preconceito são barreiras que dificultam a plena inclusão. A educação inclusiva, entretanto, é uma meta em constante construção, que exige o comprometimento de toda a sociedade para garantir que todas as pessoas, com ou sem deficiência, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

1.7. O Cenário Atual da Educação Inclusiva

Hoje, a educação inclusiva é um direito garantido por lei no Brasil e também um imperativo moral e político. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) assegura que todos os alunos tenham acesso à educação e permaneçam na escola com igualdade de condições. Além disso, avanços significativos, como a ampliação de matrículas e a maior participação de alunos com deficiência em escolas regulares, mostram que a inclusão está se tornando mais presente no sistema educacional.

No entanto, ainda há muitos desafios a serem enfrentados. Entre eles estão a formação insuficiente dos professores, a falta de materiais adaptados, as limitações em adaptações curriculares e os recursos insuficientes nas escolas. Ademais, o preconceito ainda é uma barreira significativa, muitas vezes impedindo que a verdadeira inclusão aconteça.

O foco atual é superar essas barreiras, garantindo que todas as pessoas, com ou sem deficiência, possam aprender juntas em um ambiente acolhedor, respeitoso e inclusivo. A educação inclusiva não beneficia apenas os alunos com deficiência, mas também promove valores essenciais para toda a sociedade, como respeito à diversidade, empatia e colaboração. A história da Educação Especial no Brasil reflete a luta por igualdade e dignidade, passando de modelos segregacionistas para a busca por uma educação verdadeiramente inclusiva. O avanço desse campo depende de um compromisso coletivo para superar os desafios e assegurar o direito à educação para todos (Mantoan, 2015).

1.8. Inclusão escolar e os desafios cotidianos

A educação inclusiva é um tema muito importante nas discussões sobre os rumos da educação. Seu principal objetivo é garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou emocionais, tenham acesso a uma educação de qualidade em escolas regulares. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) asseguram o direito à educação para os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, grupo que compõe o público da Educação Especial. Apesar dessa garantia, colocar a inclusão em prática nas escolas traz muitos desafios, especialmente para os professores, uma vez que incluir alunos com deficiência no ambiente escolar regular vai além de apenas possibilitar a entrada na escola. É preciso garantir que eles participem ativamente do processo de aprendizagem, o que exige adaptações no ambiente escolar, nas metodologias de ensino e na forma como os educadores lidam com essa diversidade. Segundo Terra e Gomes (2013), é preciso mudar o modo de ensinar para que todos os alunos tenham suas necessidades atendidas de forma respeitosa

No entanto, o processo de inclusão nas escolas brasileiras ainda enfrenta uma série de desafios. A falta de recursos materiais e tecnológicos adequados, como *softwares* específicos, materiais adaptados e apoio pedagógico especializado consiste em um grande obstáculo. Soma-se a isto, o fato de muitos professores se sentirem despreparados para lidar com a inclusão de alunos com deficiência, devido à falta de formação adequada. Segundo Miskalo et al. (2023), grande parte dos professores não teve em sua formação inicial acesso a conhecimentos sobre Educação Especial e práticas inclusivas. Existem investimentos em formação continuada, porém não são suficientes para preparar os professores para os desafios que enfrentam no dia a dia.

Outra dificuldade aparente remete-se ao currículo comum, sendo necessário adaptar o mesmo para atender as necessidades dos alunos com deficiência. As escolas possuem um currículo que não abrange as diferentes formas de aprendizado de seus estudantes. No entanto, para que todos possam aprender, faz-se necessário flexibilizar os conteúdos permitindo que alunos com e sem deficiência avancem em seu próprio ritmo. A Declaração de Salamanca (1994) já destacava a importância de uma abordagem de ensino focada no aluno, respeitando suas capacidades e limites

Outro ponto importante para a inclusão é a formação continuada dos professores. Embora a LDB (1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação

Inclusiva (2008) exijam formação de professores adequada para trabalhar com a inclusão², isso nem sempre acontece. Segundo Oliveira et al. (2020), uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes é justamente a falta de formação continuada que os capacite a lidar com as demandas da educação inclusiva. Muitos professores se sentem despreparados para atender às necessidades dos alunos público da Educação Especial, o que gera frustração e insegurança no processo de ensino. A formação continuada quando oferecida, muitas vezes, não aborda as situações práticas que os professores enfrentam em sala de aula, o que limita seu impacto positivo.

Além disso, ainda existem barreiras atitudinais, ou seja, preconceitos que permeiam o espaço educacional, que promovem ênfase na limitação do sujeito. Superar essas barreiras é fundamental para que a inclusão realmente aconteça. Conforme afirmado por Terra e Gomes (2013), a mudança de perspectiva é necessária para que a inclusão seja eficaz.

Outro fator importante é a participação da família no processo de inclusão. Segundo Trindade et al. (2020), o envolvimento dos pais na vida escolar de alunos com deficiência corrobora para o processo, no qual garante que o apoio recebido na escola continue em casa. No entanto, muitos professores relatam dificuldades em se comunicar com as famílias, o que pode atrapalhar esse processo.

Outro ponto importante na inclusão escolar é a colaboração de toda a equipe escolar. A inclusão não depende apenas do trabalho dos professores, mas de toda a comunidade escolar, esta inclui gestores, coordenadores pedagógicos, auxiliares e outros profissionais que atuam neste cenário. Somado a isto, acredita-se que a presença de uma equipe multidisciplinar que possa auxiliar na identificação das necessidades dos alunos e no planejamento de estratégias pedagógicas se configura como essencial para a efetividade da inclusão. No entanto, a falta de recursos humanos especializados ainda é um desafio em muitas escolas. Como foi observado por Miskalo et al. (2023), a ausência de profissionais capacitados para oferecer apoio técnico-pedagógico adequado limita a eficácia das ações inclusivas e sobrecarrega os professores, que se veem sem o suporte necessário para lidar com as demandas dos alunos do público da Educação Especial.

Além disso, a inclusão escolar também depende das políticas públicas voltadas para a Educação Especial, elas são fundamentais para garantir o direito à educação para todos os

² A formação ideal para professores que atuam na Educação Especial deve incluir tanto conhecimentos gerais para a docência quanto conhecimentos específicos para o atendimento especializado. Essa formação é importante para atuar em diferentes contextos escolares, como salas comuns, salas de recursos e centros de atendimento educacional especializado, promovendo uma abordagem inclusiva e interdisciplinar.

alunos. No entanto, a implementação dessas políticas enfrenta obstáculos, especialmente no que diz respeito à distribuição de recursos e à formação dos profissionais da educação. Segundo Terra e Gomes (2013), torna-se essencial que as políticas avancem para garantir que as escolas tenham os recursos necessários para colocar a inclusão em prática.

Neste cenário, é importante considerar as desigualdades regionais no Brasil. Em áreas rurais ou regiões com menos infraestrutura os desafios são ainda maiores nas escolas, muitas vezes, não têm os recursos necessários para atender os alunos com deficiência. De acordo com Trindade et al. (2020), em escolas mais carentes, a inclusão é feita de maneira superficial, sem infraestrutura adequada, sem acessibilidade e sem um planejamento adequado para atender às necessidades dos alunos. O sucesso da inclusão escolar não beneficia apenas os alunos público da Educação Especial, mas toda a comunidade escolar. A convivência com a diversidade contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, promove a empatia, o respeito às diferenças e a cooperação. Ao criar um ambiente inclusivo, a escola se torna um espaço de formação para uma sociedade mais justa e igualitária.

Outro aspecto importante no debate sobre a inclusão é a avaliação dos alunos com deficiência. Avaliar esses sujeitos requer, quando necessário, uma abordagem diferenciada, que leve em conta suas especificidades e o processo individual de aprendizagem. No entanto, muitos professores relatam dificuldades em adaptar os critérios de avaliação, considerando as demandas apresentadas por cada estudante. A falta de diretrizes claras sobre como realizar essa adaptação faz com que os docentes se sintam inseguros em relação às práticas avaliativas, o que pode impactar negativamente o desempenho dos alunos público da Educação Especial. Conforme destacado por Terra e Gomes (2013), a formação continuada deve abordar, de maneira mais prática, como realizar adaptações nas avaliações para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de sucesso escolar.

Por fim, é importante lembrar que a inclusão escolar deve ser vista como um processo contínuo de melhoria. Não é algo que pode ser resolvido de uma vez ou com uma única política que funcione igual em todas as escolas. Cada escola tem suas próprias características e, por isso, as estratégias de inclusão precisam ser adaptadas à realidade de cada instituição. Torna-se, portanto, necessário ouvir os professores, os gestores e os familiares para entender os desafios específicos de cada escola e encontrar soluções que promovam a inclusão de forma eficaz.

SEÇÃO 2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Serão apresentados nesta seção, elementos que auxiliam na reflexão em torno da formação de professores e os possíveis desafios vivenciados ao longo da docência.

2.1. Formação de professores no Brasil

A história da formação de professores no Brasil percorreu caminhos confusos e conflituosos, com a criação das Escolas Normais e sua posterior extinção, mas foi com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Nº 9.394, em 1996, que surgem propostas direcionadas a formação docente, com posterior suporte de outros documentos legais e diretrizes nacionais (Gatti, 2010).

A identidade docente foi se transformando ao longo dos anos e, segundo Poso e Monteiro (2021, p.4), tal identidade “não é um dado imutável, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado”. Atualmente, a formação inicial para docência ocorre por meio de licenciaturas, que possuem duração mínima de quatro anos, no entanto, vem se observando um esvaziamento significativo no objeto de ser professor.

Muitos podem ser os elementos que corroboram para tal esvaziamento ou não procura das licenciaturas, enquanto formação inicial, como o sucateamento da educação atual, os salários e benefícios, além das ausências de recursos materiais, estruturais e redes significativas de apoio, com considerável inversão de valores e responsabilidades. Ainda no estudo realizado por Poso e Monteiro (2021), há o indicativo de um “abismo entre teoria e prática o que reflete na insegurança por parte destes principiantes ao se defrontarem com situações imprevisíveis” (p.5). Nesta perspectiva, compreende-se que a escolha de ser docente depara-se com inúmeros obstáculos que configuram o cenário educacional atual.

Soma-se a este cenário, as subjetividades implícitas na docência. Torna-se docente está para além do que foi aprendido na graduação e nos livros teóricos, implica compreender-se enquanto sujeito responsável pela trajetória formativa de outros. Para Lomba e Schuchter (2023), “à docência se materializa, então, nas ações de contribuir com a construção do conhecimento do outro e em seus desdobramentos” (p.4), porém, “o que se observa é que quando não há embasamentos consistentes na formação docente, a tendência do professor é reativar sua memória de aluno” (Poso e Monteiro, 2021, p.5).

Por meio da memória e da prática reflexiva constante, o ser professor vai sendo desenhado, em processo flexível e dialógico, com dimensões políticas, éticas, humanas e, principalmente, crítica.

No entanto, é preciso ressaltar que a escola atual se apresenta muito mais diversa e plural, que em décadas passadas. Frente a uma perspectiva inclusiva, a escola abrange diferentes públicos e precisa se situar no espaço e tempo tecnológico e digital, com vistas a acompanhar seus estudantes. Porém, o movimento de inclusão escolar trouxe novos desafios para os docentes, a formação inicial prescrita não contempla a realidade vivenciada nas escolas do século XXI, a continuada não abrange os principais desafios e a consequência deste cenário é a escassez do ensino e da aprendizagem.

2.2. Formação de professores para atuação na perspectiva inclusiva

A inclusão escolar é um direito de todos os alunos e exige mudanças na estrutura, no currículo e na forma de ensinar. No entanto, essa transformação ainda enfrenta muitos desafios, principalmente pela ausência de formação voltada para o atendimento do público da Educação Especial. A falta de formação afeta a qualidade do ensino, tornando essencial que os docentes recebam treinamento contínuo, troquem experiências e aprendam práticas mais inclusivas (Mantoan, 2006).

Segundo o Painel de Indicadores da Educação Especial, divulgado pelo Instituto Rodrigo Mendes com base no Censo Escolar 2023, apenas 4,6% dos professores regentes da Educação Básica possuem formação continuada em Educação Especial. No caso dos docentes que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE), apenas 44,3% têm formação específica para essa função. Esses números mostram que boa parte dos professores ainda não tem a preparação necessária para atender com qualidade os estudantes da Educação Especial, o que reforça a ideia de que a formação específica continua sendo um dos maiores desafios para a inclusão escolar.

O professor tem um papel fundamental na inclusão, pois não apenas ensina, mas também cria um ambiente que valoriza as diferenças. Entre os desafios relatados, alguns docentes expressaram dificuldades em atender às necessidades dos alunos com deficiência, especialmente daqueles que demandam maior suporte. Isso evidencia a importância de uma formação que vá além da teoria, possibilitando a troca de experiências entre os professores e o desenvolvimento de estratégias inclusivas eficazes.

Além disso, o modelo de ensino tradicional, baseado em avaliações e notas, pode dificultar o processo inclusivo. Para mudar essa realidade, é importante reformular os métodos de avaliação, permitindo que cada aluno seja avaliado de acordo com suas potencialidades e limitações. Segundo Mantoan (2006), a avaliação deve ajudar a entender como cada estudante

aprende e levar em consideração seu ritmo de aprendizado, em vez de apenas dar notas, para que torne o ensino mais inclusivo.

Para melhorar a formação dos professores, é essencial oferecer capacitação contínua. Criar grupos de estudo dentro das escolas pode ser uma boa alternativa para que os professores discutam desafios e compartilhem estratégias. Além disso, a promoção de cursos e palestras ajudam os docentes a desenvolver práticas mais eficazes para a inclusão. A gestão escolar também precisa ser mais flexível, adaptando-se às necessidades dos alunos e professores. Uma gestão mais participativa permite que os docentes tenham liberdade para ajustar suas formas de ensino e criar um ambiente mais acolhedor. Além disso, incentivar a colaboração entre professores, alunos e famílias torna a escola um espaço mais inclusivo. Portanto, a formação dos professores é essencial para que a inclusão aconteça de verdade. Como destaca Mantoan (2006), simplesmente inserir alunos com deficiência na sala de aula não garante um ensino de qualidade. É necessário investir na preparação dos docentes, mudar as metodologias e transformar a forma como a escola encara a aprendizagem. Dessa forma, será possível criar um ambiente mais justo e acolhedor para todos.

É a partir dessa perspectiva que o presente trabalho irá discorrer, compreendendo os desafios vivenciados pelos docentes no processo de atuação junto a estudantes com deficiência. Apesar dos avanços na legislação e nas políticas públicas voltadas para a inclusão, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), ainda é possível perceber muitas dificuldades quando o assunto é a formação de professores. Muitos cursos de licenciatura, por exemplo, não incluem de forma consistente conteúdos sobre educação inclusiva, ou fazem isso de maneira muito superficial. Com isso, os professores chegam às salas de aula sem se sentirem preparados para lidar com alunos do público da Educação Especial.

A formação continuada aparece como uma alternativa importante para suprir essas lacunas. No entanto, como apontado por Miskalo et al. (2023), muitas dessas formações não dialogam com a realidade concreta da escola e acabam não ajudando de forma prática. Os professores relatam que falta tempo, apoio e oportunidades que realmente ajudem no dia a dia. Isso faz com que muitos se sintam sozinhos ou inseguros diante das situações que precisam enfrentar. De acordo com Terra e Gomes (2013), é preciso mudar o modo de ensinar, adotando práticas que respeitem o ritmo e as necessidades de cada aluno. Para isso, o professor precisa ser valorizado e apoiado. Segundo os mesmos autores, não basta oferecer formações teóricas. É necessário que essas formações ajudem a construir estratégias aplicáveis e que incentivem a

reflexão sobre a prática. Essa troca entre teoria e prática pode ser fortalecida por grupos de estudos, reuniões pedagógicas e momentos de escuta dentro da própria escola.

Outro ponto que aparece com frequência é que muitos professores acabam buscando soluções por conta própria, conversando com colegas ou procurando materiais na internet. Isso mostra o comprometimento de muitos profissionais, mas também revela a falta de uma política mais estruturada que apoie a formação docente com foco na inclusão (Miskalo et al., 2023; Terra; Gomes, 2013). Portanto, garantir uma formação adequada, contínua e prática para os professores é um caminho essencial para que a inclusão escolar aconteça de forma verdadeira. Sem isso, o risco é que a inclusão fique só no discurso, sem se concretizar de fato nas salas de aula.

SEÇÃO 3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenhado como uma pesquisa qualitativa, com abordagem descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa busca interpretar fenômenos com base nas experiências, opiniões e percepções das pessoas envolvidas, favorecendo uma análise mais próxima da realidade estudada. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como principal objetivo desenvolver e esclarecer conceitos, ajudando a definir problemas e hipóteses que possam ser investigadas em estudos futuros. Além disso, esse tipo de pesquisa é mais flexível, possibilitando uma visão inicial e geral sobre o tema abordado.

Ainda de acordo com Gil (2008), a pesquisa descritiva foca na descrição detalhada das características de uma população ou fenômeno. Nesse sentido, este estudo busca descrever as dificuldades enfrentadas pelos professores no atendimento de estudantes do público da Educação Especial e analisar as estratégias que utilizam no processo de inclusão escolar. Para alcançar esses objetivos, foram utilizados questionários aplicados junto a professores, o que permitiu coletar dados relevantes e aproximar a pesquisa das experiências vividas pelos participantes.

3.1. Contextualização da pesquisa

Este estudo foi realizado em uma escola municipal de uma cidade de pequeno porte localizada no interior de Minas Gerais. A investigação teve como foco compreender os desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão escolar junto a estudantes público da Educação Especial, matriculados em turmas regulares do 6º ano do Ensino Fundamental II.

O estudo incluiu professores de três turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II. Cada turma possui pelo menos um estudante público da Educação Especial. Os alunos possuem diferentes diagnósticos, a saber:

Quadro 1. Estudantes público da Educação Especial por turma e diagnóstico

TURMA	QUANTIDADE	DIAGNÓSTICO
6º A	01	1 estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA)
6ºB	03	2 estudantes com Deficiência Intelectual 1 estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA)
6ºC	03	1 estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) 1 estudante com Deficiência Múltipla (Baixa Visão e Deficiência Intelectual) 1 estudante com Deficiência Física

Fonte: própria autora

Por meio do quadro acima, pode-se observar que o quantitativo médio é de três estudantes por turma, mas com diagnósticos diferentes, porém, há um predomínio de alunos com TEA. Cada um desses estudantes apresenta demandas diferentes, principalmente com relação as adaptações no processo de ensino e de aprendizagem.

3.2. Participantes

Participaram da presente pesquisa nove professores que atuam no 6º ano do Ensino Fundamental II, que possuem em suas respectivas turmas alunos público da Educação Especial. A amostra inicial era de 13 participantes, mas após o fechamento do questionário investigativo, apenas nove respostas foram obtidas, o que configurou um percentual de 69% de participantes.

Com base no questionário fornecido, foi elaborado o quadro 1, sintetizando o perfil dos professores participantes da pesquisa. Para preservar a confidencialidade, os docentes foram identificados como P1, P2, e assim por diante.

Quadro 2. Caracterização dos participantes

Identificação	Formação acadêmica	Idade	Tempo de atuação na educação
P1	Licenciatura em Educação física	26	3 anos
P2	Letras	55	mais de 10 anos
P3	Letras - Português	37	10 anos
P4	Letras	59	16 anos
P5	Filosofia	47	12 anos

P6	Licenciatura Plena em História	56	30 anos
P7	Licenciatura em Ciências biológicas	38	18 anos.
P8	Matemática	58	25 anos
P9	História	47	Mais de 15 anos

Fonte: própria autora, 2024

A partir do quadro acima pode-se observar que dentre os participantes a média de idade dos participantes foi de 47 anos, variando de 26 a 59 anos. Somado a isso, grande parte da amostra possui ampla experiência na educação básica, com 66,7% atuando por mais de 10 anos. Quanto à formação inicial, houve uma distribuição variada entre licenciaturas em Letras, Filosofia, Educação Física, Ciências Biológicas, Matemática e História.

3.3. Local de pesquisa

A pesquisa ocorreu em uma escola municipal localizada em uma cidade de pequeno porte no interior de Minas Gerais. A escolha da escola se deu por conveniência, considerando a proximidade da pesquisadora com a equipe e o contexto escolar, o que facilitou a obtenção das autorizações necessárias e o acesso aos participantes.

A escola em que foi realizada a pesquisa atende aos turnos manhã, tarde e noite e possui o Ensino Fundamental II tanto na modalidade regular quanto na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Conta com uma sala de recursos multifuncional, que atende os estudantes da própria escola e de outras unidades da rede municipal. A instituição dispõe de uma psicóloga escolar que realiza os encaminhamentos ao CMMAE – Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado, responsável por oferecer atendimento especializado aos estudantes da Educação Especial.

Apesar de atender alunos com diferentes perfis, a escola ainda tem algumas dificuldades em relação à inclusão. Um exemplo disso é que o Projeto Político-Pedagógico (PPP) está desatualizado desde 2020. As escolas do município estão aguardando orientações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para poderem atualizar esse documento. Essa falta de alinhamento entre o que acontece na escola e o que está escrito no PPP atrapalha a organização das ações voltadas aos estudantes da Educação Especial.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, elaborado em 2020, apresenta uma abordagem geral sobre os princípios da educação inclusiva e menciona o atendimento especializado realizado pelo CMMAE. Contudo, não detalha as práticas pedagógicas específicas para os estudantes da Educação Especial, nem aborda a atuação dos profissionais

de apoio ou a interação entre estes e os professores regentes. Além disso, o documento utiliza termos já considerados ultrapassados, como “transtorno global do desenvolvimento” e “necessidades especiais”, o que evidencia a necessidade de uma atualização tanto formal quanto conceitual. Essa defasagem compromete o alinhamento entre o planejamento institucional e as práticas inclusivas desenvolvidas atualmente pela escola

Desde 2018, a escola funciona em um prédio provisório, adaptado para atender os alunos enquanto o novo prédio está em construção, com previsão de conclusão para 2026. O espaço atual possui algumas adaptações, como rampa de acesso e banheiro acessível, mas ainda apresenta limitações no que diz respeito à acessibilidade total, especialmente em salas específicas e outros ambientes. Já o novo prédio, em fase de construção, foi planejado com foco na acessibilidade e contará com uma estrutura mais adequada para atender às demandas dos estudantes público da Educação Especial.

Em relação às práticas pedagógicas, a escola busca construir um processo inclusivo por meio do diálogo entre a equipe gestora, a supervisão pedagógica e os professores. Essa articulação busca apoiar o atendimento aos estudantes da Educação Especial, respeitando suas especificidades. Os estudantes que possuem laudo contam, ainda, com o suporte de profissionais de apoio em sala de aula, sendo um profissional para cada grupo de até três alunos.

A escola convida com frequência os responsáveis para reuniões, buscando conversar, esclarecer dúvidas e alinhar ações, principalmente em relação à inclusão. No entanto, poucas famílias participam desses momentos. A maioria não comparece à escola nem acompanha de perto a vida escolar dos filhos. Diante disso, torna-se importante pensar em novas formas de aproximação e diálogo com as famílias, fortalecendo a parceria entre escola e comunidade.

3.4. Instrumentos de Coleta de Dados

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado, disponibilizado via *Google Forms*, contendo uma combinação de perguntas fechadas e abertas. O questionário incluiu questões relacionadas ao perfil dos docentes, como idade, formação acadêmica, tempo de atuação profissional e experiência com alunos público da Educação Especial.

Foram abordados ainda, aspectos relativos à percepção dos professores sobre o processo de inclusão escolar, seus sentimentos em relação à inclusão, bem como sua avaliação acerca do suporte oferecido pela equipe gestora e pedagógica. Também foram exploradas questões sobre a participação da família no processo de inclusão, com o intuito de entender como os docentes percebem a colaboração familiar nesse contexto.

A estrutura do questionário possibilitou a identificação de fatores que influenciam a prática pedagógica inclusiva, permitindo compreender os principais desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão escolar e as estratégias que eles acreditam ser mais eficazes para superar essas dificuldades.

3.5. Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário em formato *Google Forms*, que foi enviado para 13 professores que lecionam nessas turmas. Destes, nove responderam e quatro não retornaram o formulário dentro do prazo estipulado. O instrumento ficou disponível por oito dias, após a autorização prévia da diretora da escola.

A pesquisa foi realizada em uma escola onde havia maior proximidade com a equipe docente, facilitando o contato e a explicação do objetivo do estudo. Os professores foram informados sobre a pesquisa e convidados a participar voluntariamente mediante apresentação de uma carta explicativa.

3.6. Análise de Dados

A análise dos dados pautou-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicação, permitindo a interpretação e a categorização das informações coletadas. Segundo Bardin (2011), essa abordagem possibilita uma compreensão mais profunda dos dados, identificando padrões e temas relevantes que surgem das respostas dos professores.

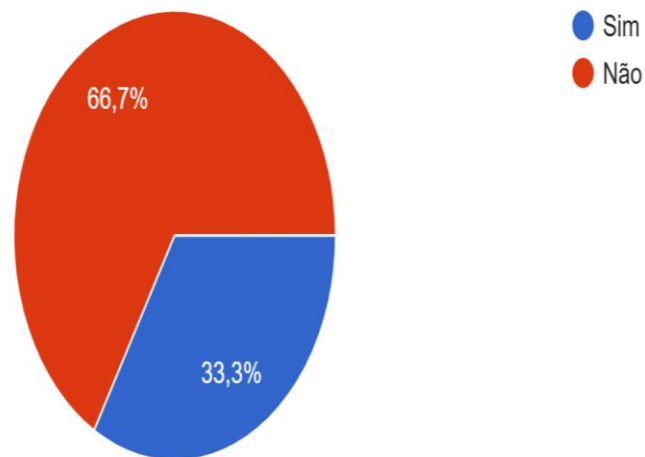
SEÇÃO 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentados a seguir os dados obtidos com a coleta de dados, sendo, então, trabalhados e discutidos com a literatura. Para tanto, elaborou-se categorias de análise, que possibilitam melhor vislumbre dos dados.

A. Especialização e Formação em Educação Especial

A especialização e a formação em Educação Especial foi um dos tópicos abordados no questionário.

Figura 1. Especialização ou Formação Continuada em Educação Especial



Fonte: própria autora, 2024

Com a amostra de nove participantes foi possível observar que apenas 33,3% destes relataram possuir formação continuada com ênfase na Educação Especial, demonstrando uma lacuna significativa em relação à formação docente para o ensino de estudantes público da Educação Especial.

A Figura 1 apresenta a distribuição percentual dos professores que possuem formação continuada em Educação Especial. Esta ausência formativa reflete as dificuldades apontadas na literatura, como o estudo de Miskalo et al. (2023), que destaca a insuficiência de capacitação inicial para lidar com a inclusão. Estudos mostram que muitos professores não possuem formação adequada para atuar com a inclusão. Segundo Terra e Gomes (2013), há uma carência significativa de formação inicial e continuada para a inclusão de alunos com deficiência. Em

um estudo com 60 professores de escolas públicas de Minas Gerais, os autores constataram que metade dos docentes nunca participou de cursos ou palestras sobre inclusão e que a maioria não se sente preparada para lidar com estudantes com deficiência, mesmo entre aqueles que já receberam algum tipo de capacitação. Além disso, Viviane Borges Dias (2018), reforça essa questão ao afirmar que a maioria dos cursos de licenciatura no Brasil não aborda a educação inclusiva de maneira consistente, e, quando o fazem, a abordagem é superficial e sem uma base teórica sólida. Isso resulta em docentes despreparados para enfrentar os desafios do ensino inclusivo e perpetua práticas excludentes no ambiente escolar.

Miskalo, Cirino e França (2023), também evidenciam que um número significativo de professores não teve contato com conhecimentos sobre educação especial e inclusão em sua formação inicial. Mesmo na formação continuada, as poucas oportunidades disponíveis não conseguem conectar a teoria com a realidade prática das salas de aula, o que dificulta a aplicação de estratégias inclusivas eficazes. Os autores destacam a importância de políticas públicas que garantam uma formação mais alinhada às necessidades reais da educação inclusiva. Outro ponto apontado pelos autores remete-se as dificuldades relatadas pelos docentes em adaptar suas práticas pedagógicas para atender alunos com deficiência, devido à falta de suporte e materiais adequados. A ausência de uma formação sólida faz com que os docentes precisem buscar, por conta própria, estratégias para incluir esses estudantes em suas aulas, o que pode gerar insegurança e sobrecarga profissional. Dessa forma, investir em capacitações práticas e contínuas é essencial para garantir um ensino mais acessível e eficaz.

B. Contato com estudantes público da Educação Especial

Apesar da formação ainda incipiente, o contato com os estudantes público da Educação Especial se faz diário, portanto, os participantes da pesquisa indicaram o contato que já tiveram ou que possuem com tais estudantes. Os participantes indicaram abaixo com qual estudante do público da Educação Especial já trabalharam ou trabalham.

Quadro 3. Contato docente com público da Educação Especial

PARTICIPANTES	ALUNOS PÚBLICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL
P1	Transtorno do Espectro Autista (TEA)
P2	Deficiência visual Deficiência auditiva Deficiência intelectual Transtorno do Espectro Autista (TEA) Altas Habilidades/Superdotação
P3	Deficiência intelectual,

	Transtorno do Espectro Autista (TEA)
P4	Deficiência física, Deficiência visual, Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades/Superdotação, Deficiência múltipla
P5	Deficiência física, Deficiência visual, Deficiência auditiva, Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades/Superdotação, Deficiência múltipla
P6	Deficiência física, Deficiência visual, Deficiência auditiva, Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades/Superdotação, Deficiência múltipla
P7	Deficiência física, Deficiência visual, Deficiência auditiva, Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA)
P8	Deficiência intelectual
P9	Deficiência física, Deficiência visual, Deficiência auditiva, Deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Altas Habilidades/Superdotação, Deficiência múltipla

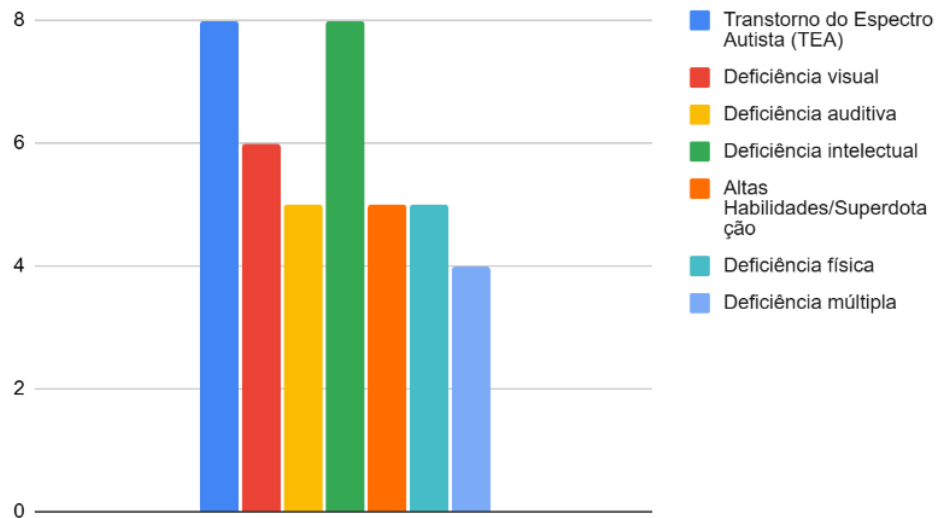
Fonte: própria autora

Por meio do quadro acima pode-se observar que os docentes já tiveram contato com todo o público da Educação Especial delimitado por lei, ou seja, pessoas com deficiências, Transtorno do Espectro Autista e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2008).

É importante ressaltar que nos últimos 15 anos o crescimento de matrículas de estudantes com deficiência se tornou exponencial, especificamente no Ensino Fundamental I e II, espaço de atuação da amostra os dados do Censo de 2023 indicam que em 2010 eram 380.112 matrículas na classe comum, mas em 2022 os números atingiram 914.557 mil matrículas (IBGE, 2023). Tais dados refletem a abertura da escola, o acesso como direito garantido constitucionalmente e, conseqüentemente, a escolha pela escola regular. Somado a isso, realizou-se um gráfico, a partir do contato obtido com os estudantes público da Educação

Especial. A figura abaixo mostra com quais tipos de deficiência ou transtornos os professores já trabalharam.

Figura 2. Contato e atuação junto a estudantes público da Educação Especial



Fonte: própria autora, 2024

A partir da figura podemos inferir que todos os professores participantes da pesquisa já tiveram contato com estudantes da Educação Especial, sendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a deficiência intelectual as mais recorrentes. Além disso, observa-se que muitos docentes também trabalharam com alunos com deficiência física, visual e auditiva, bem como com altas habilidades/superdotação e deficiência múltipla.

Esses dados evidenciam a presença constante de estudantes público da Educação Especial no ambiente escolar e reforçam a necessidade de uma formação docente contínua e aprofundada. Embora o contato prático com esses alunos seja uma realidade para todos os participantes, a carência de capacitação específica pode impactar a aplicação de estratégias inclusivas eficazes. Assim, torna-se essencial que políticas educacionais incentivem formações que abordem as necessidades reais da sala de aula, garantindo um ensino mais acessível e de qualidade.

C. Percepções e Desafios docentes sobre a Inclusão Escolar

Outro elemento observado e investigado no questionário remete-se a percepção docente em torno do processo inclusivo. A maioria dos participantes acredita que o processo de inclusão ainda apresenta muitas falhas e, na prática, funciona mais como um esforço social do que como uma inclusão real. Essa visão é reforçada por Trindade et al. (2020), que destacam que as práticas inclusivas em escolas brasileiras, muitas vezes, carecem de profundidade e eficácia. As falas ilustrativas apresentam as percepções docentes frente a inclusão escolar:

Quadro 4. Falas ilustrativas sobre a percepção docente frente à inclusão escolar

PARTICIPANTES	FALAS ILUSTRATIVAS
P1	De forma geral é um processo muito complexo que envolve diversas áreas e deve ser trabalhada multidisciplinarmente. Os alunos passam por bastante dificuldades, mas conseguem absorver os conteúdos dependendo da forma como é trabalhada.
P2	Deficiente. Os docentes não estão sendo preparados para a demanda.
P3	A inclusão escolar é um processo bem complexo, pois demanda que os professores tenham mais formação nas áreas de inclusão. A inclusão escolar permite que a comunidade escolar amplie as percepções sobre diferentes tipos de aprendizagem.
P4	Atualmente, acho que não funciona como inclusão. Há ainda, muitos ajustes a serem feitos.
P5	Há muito ainda pra melhorar. As escolas, gestores e professores ainda não estão preparados pra inclusão.
P6	A inclusão escolar é uma, das várias maneiras de proporcionar igualmente social. É uma grande conquista, mas precisa de mais investimentos na infraestrutura das escolas e mais profissionais habilitados para garantir uma assistência ainda melhor a todos.
P7	Acredito que o processo de inclusão escolar apresenta muitas falhas e que na prática, a inclusão acontece muitas vezes de forma mais social do que efetiva.
P8	Acredito que a maioria das escolas ainda não estão preparadas adequadamente para admissão de alunos de inclusão.
P9	Tem que ocorrer mais políticas públicas na formação e adequação das ações educacionais.

Fonte: própria autora

Observa-se, por meio das falas acima, que os professores ainda enfrentam muitas dificuldades no processo de inclusão escolar. Eles demonstram sentimento de insegurança, falam da falta de formação e de apoio para lidar com os alunos da Educação Especial. Alguns até disseram que a inclusão acontece mais no papel do que na prática. Ou seja, o aluno está na sala, mas sem recursos, sem adaptação, acaba ficando de lado.

Essas falas mostram que a inclusão ainda é um desafio. Mantoan (2006) destaca que incluir não é apenas colocar o aluno com deficiência na sala comum, mas mudar a forma de ensinar, de ver o outro. A escola precisa se transformar para acolher a todos. Além disso,

Mendes (2006), explica que a formação do professor é essencial para garantir a inclusão. Quando o professor está preparado e recebe apoio, ele consegue desenvolver estratégias que ajudam todos os alunos, com ou sem deficiência, a aprenderem juntos. Mas quando isso não acontece, como vimos nas falas, o professor se sente sozinho e perdido.

Outro ponto importante é destacado por Anjos, Andrade e Pereira (2009), que analisaram as falas de professores sobre a inclusão e perceberam que muitos ainda têm dificuldades para enxergar a deficiência como parte da diversidade humana. Isso mostra como a formação e o apoio são fundamentais para mudar a realidade nas escolas. Consequentemente, tem-se os desafios vivenciados ao longo do processo de inclusão escolar, estes foram investigados junto à amostra. As respostas obtidas foram:

Quadro 5. Desafios docentes

Participantes	Respostas
P1	A minha maior dificuldade foi conseguir prender a atenção e fazer com que os alunos absorvam o conteúdo, pois são muito dispersos. Além disso alguns sofrem com grande dificuldade de interpretação e outros não tem pleno domínio de leitura e escrita.
P2	Falta de recursos, como materiais didáticos adaptados e profissionais capacitado. Falta de preparo dos professores e demais colaboradores, excesso de alunos em sala de aula. Desvalorização dos professores.
P3	Atualmente a principal dificuldade é conciliar as inúmeras demandas do cotidiano escolar com à inclusão, pois o número de estudantes por turma, a carga horária de trabalho, as atividades administrativas que o professor precisa desenvolver faz com que a atenção à inclusão seja muito reduzida.
P4	Falta de estrutura das escolas, falta de formação dos docentes.
P5	Falta profissionais capacitados pra ajudar de forma genuína esse público
P6	É trabalhar com as limitações, pois requer mais tempo e atenção especial.
P7	Os professores, em geral, não estão adequadamente preparados e capacitados para lidar com as diversas necessidades dos alunos incluídos, seja por falta de formação específica, seja pela ausência de recursos e apoio. Além disso, há uma notável carência de informações detalhadas sobre os alunos, o que dificulta a adoção de estratégias pedagógicas personalizadas e eficazes. A necessidade de atender simultaneamente alunos com e sem necessidades específicas, em turmas numerosas, torna desafiador oferecer a atenção e o acompanhamento individualizado que a inclusão demanda. Em muitos casos, a escola, principalmente as estaduais, não dispõe de profissionais como psicopedagogos, terapeutas e monitores para apoiar o trabalho docente e as necessidades dos alunos.
P8	Penso que o maior desafio está no estado, em todas as planificações, como provedor e fomentador de melhorias, que busquem as reais adequações, que passam por estruturas físicas e ações pedagógicas.
P9	Falta de preparação, talvez mais apoio.

Fonte: própria autora

Observa-se, por meio das falas apresentadas no Quadro 3, que os professores enfrentam diversos desafios no processo de inclusão escolar, muitas delas se repetem entre os participantes, o que evidencia problemas estruturais e de gestão que impactam diretamente o trabalho docente.

A falta de formação adequada é um ponto que aparece com frequência, como também a ausência de recursos, profissionais de apoio e materiais didáticos adaptados. Essas limitações comprometem a prática pedagógica e dificultam a adaptação das aulas às necessidades dos alunos com deficiência. Outro desafio citado é o excesso de alunos por sala e a sobrecarga de tarefas, como planejamento, correções e atividades administrativas. Essa realidade torna difícil a oferta de um atendimento individualizado e de qualidade para os estudantes que precisam de um acompanhamento mais próximo.

Alguns professores também relataram dificuldades específicas com o comportamento dos alunos e com questões relacionadas à leitura, escrita e interpretação, o que reforça a necessidade de estratégias diferenciadas e mais tempo para o acompanhamento pedagógico. Além disso, há uma percepção de que o apoio do Estado e das redes de ensino ainda é falho. A ausência de profissionais como psicopedagogos, terapeutas e monitores, foi citada como uma barreira importante para uma inclusão efetiva.

As falas mostram que a inclusão não depende apenas da boa vontade dos professores, mas de condições reais de trabalho, formação continuada e apoio institucional. Sem essas garantias, o desafio se torna ainda maior, e o risco de uma inclusão apenas no papel continua sendo uma preocupação presente nas falas dos participantes.

D. Estratégias Adotadas pelos Docentes

Os desafios da inclusão escolar exigem que os docentes desenvolvam estratégias que garantam a participação ativa de todos os alunos, respeitando suas especificidades. De acordo com Terra e Gomes (2013), a formação docente deve preparar os professores para lidar com a diversidade em sala de aula, incentivando a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e fundamentadas em uma abordagem centrada no aluno. As falas docentes estão listadas no quadro a seguir:

Quadro 6. Estratégias docentes

PARTICIPANTE	ESTRATÉGIAS
P1	Trabalhar com imagens e recursos midiáticos que conseguem prender mais atenção dos alunos, além das aulas práticas.

P2	Preparo efetivo dos professores e colaboradores, valorização monetária da categoria, salas de aula com menos alunos.
P3	Aproximar o professor das realidades dos estudantes já ajuda muito, pois o professor muitas vezes não tem acesso ao acompanhamento que os estudantes fazem, não há um diálogo mais intenso com o esse acompanhamento faz para que o professor podendo conhecer diagnóstico, acompanhamento especial possa desenvolver atividades pedagógicas relacionadas às essas realidades.
P4	Equipamentos e materiais apropriados a cada deficiência, investimento em formação e salas recurso.
P5	Capacitar professores e gestores e dar suporte a todos
P6	Como estratégia, acredito que é relevante o envolvimento da turma em torno da situação.
P7	Para que a inclusão escolar seja verdadeira, é imprescindível que haja investimento em formação docente, disponibilização de recursos e apoio especializado, além de um esforço conjunto para compreender melhor as particularidades de cada aluno, promovendo assim um aprendizado significativo e inclusivo.
P8	Seria entender, que, apesar de alunos de inclusão participarem de forma efetiva das atividades em sua totalidade, é preciso entender que estes alunos necessitam de cargas horárias diferenciadas. Suas interações com os conteúdos e própria socialização no ambiente escolar, difere das dos demais, neste sentido penso que didaticamente a inclusão não se restringe apenas em atividade intuitivas.
P9	As ações ocorrem diferentemente para cada indivíduo. Então tudo é pensado e analisado com as necessidades de cada aluno.

Fonte: própria autora

Por meio das respostas obtidas, foi possível identificar algumas estratégias apresentadas pelos participantes, estas estão subdivididas em três principais eixos, a saber: 1) Adaptação Curricular e Metodológica; 2) Colaboração e Formação Continuada e; 3) Fortalecimento do Vínculo Família-Escola.

1. **Adaptação Curricular e Metodológica:** Os professores buscam adaptar o currículo e as metodologias de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos do público da Educação Especial. Segundo Cunha (2013), "não há metodologias ou técnicas universais para o ensino de alunos com autismo ou outras deficiências, mas grandes possibilidades de aprendizado quando práticas adaptadas são implementadas". Exemplos incluem:
 - Uso de recursos midiáticos e tecnológicos, como vídeos e imagens.
 - Planejamento de atividades adaptadas que considerem o ritmo e o estilo de aprendizado dos alunos.
 - Implementação de aulas práticas e interativas para manter o engajamento.
2. **Colaboração e Formação Continuada:** A formação continuada foi destacada como essencial pelos professores. Conforme Nóvoa (2002), a escola deve ser um espaço de

formação contínua, onde os educadores possam desenvolver práticas colaborativas. Os docentes entrevistados apontaram que a troca de experiências com outros profissionais, como psicopedagogos e terapeutas, é fundamental para criar estratégias eficazes.

3. **Fortalecimento do Vínculo Escola-Família:** A interação com as famílias dos alunos é vista como uma estratégia essencial para o sucesso da inclusão. Trindade et al. (2020) ressaltam que o envolvimento das famílias permite que a escola compreenda melhor as necessidades dos alunos e desenvolva práticas pedagógicas mais alinhadas à sua realidade. Apesar disso, muitos professores relataram dificuldades em obter a participação ativa das famílias, o que limita o impacto das ações inclusivas.

Por meio das respostas obtidas na pesquisa, foi possível perceber que os professores usam diferentes maneiras para tentar garantir que todos os alunos aprendam. Entre as ações mais citadas, estão as mudanças nas aulas e nos materiais para atender melhor cada aluno, o apoio entre os colegas de trabalho e a busca por formação, além da tentativa de aproximar mais a família da escola.

Muitos professores falaram que fazem adaptações do conteúdo e da forma de ensinar para ajudar os alunos público da Educação Especial. Eles usam vídeos, imagens, jogos, atividades práticas e outros recursos que promovem a atenção e que contribuem para o trabalho de acordo com o ritmo de cada um. Mesmo com pouca estrutura, os professores buscam soluções criativas e cuidadosas. De acordo com Cunha (2013), não existe uma única maneira de ensinar esses alunos, mas há muitas possibilidades de aprendizagem quando o professor deve considerar as diferenças dos alunos e os contextos em que estão inseridos.

A troca entre colegas também foi mencionada como algo importante no dia a dia da escola, assim como a busca por mais conhecimento. Muitos professores disseram que aprendem conversando com outros profissionais e tentando novas estratégias com base em suas experiências. Esse cenário relatado pelos professores reflete uma realidade nacional.

O sentimento de despreparo apontado pelos professores na pesquisa também é refletido em dados nacionais. Segundo o portal DIVERSA (2023), ainda existe uma alta demanda por formação continuada na área da Educação Especial no Brasil. Esse cenário é reforçado por uma reportagem publicada no portal Terra (2023), com base em pesquisa do Ministério da Educação (MEC), que revelou que 94% dos professores afirmam não ter formação suficiente para atuar com alunos com deficiência. Esses dados reforçam a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à capacitação dos docentes, de forma contínua, prática e alinhada à realidade escolar.

Outro ponto que apareceu bastante importante foi a ideia de que a família precisa estar mais próxima da escola. Quando os pais participam, tudo funciona melhor, porque a escola entende melhor o aluno e consegue planejar as ações de forma mais certa. No entanto, alguns professores relataram dificuldades nessa parceria, como falta de tempo, pouca comunicação ou resistência da família em aceitar o diagnóstico da criança.

Esses relatos mostram que, mesmo com todas as dificuldades, os professores buscam caminhos. Eles adaptam suas práticas, buscam apoio e tentam aproximar a família. São ações que revelam o esforço e o compromisso em construir, dia após dia, uma educação mais justa e acolhedora para todos.

E. Sentimentos e rede de apoio no processo inclusivo

A amostra foi questionada frente aos sentimentos vivenciados em torno do processo inclusivo, mediante desafios e tentativas estratégicas de auxiliar os estudantes público da Educação Especial na sua trajetória acadêmica. É importante discutir sentimentos, saúde e até mesmo a percepção dos docentes em torno da inclusão escolar, como forma de trabalhar a integralidade dos sujeitos e, conseqüentemente, suas expectativas e frustrações. O quadro abaixo apresenta as principais respostas obtidas.

Quadro 7. Sentimentos docentes

PARTICIPANTES	SENTIMENTOS
P1	Particularmente tenho dificuldade, porém sei que é de extrema importância a formação continuada para cada dia mais aprender a lidar e promover um ensino de qualidade para os alunos.
P2	Meus sentimentos são de esperança para que se mude o cenário nas escolas. Há muito a ser trabalhado e entendido. Cada aluno que está em sala de aula tem uma vivência diferente e alguns com certas limitações. As pessoas têm que entender o que acontece com cada indivíduo, para se sensibilizar e então partir para a ação.
P3	Meu sentimento de que está melhorando, já foi pior. O PDI ainda é um documento burocrático que precisa ser mais integrado à realidade dos estudantes em sala de aula.
P4	Que hoje é mais excludente do que inclusiva.
P5	Incapacidade de não conseguir fazer mais.
P6	E de satisfação em contribuir para o desenvolvimento e crescimento humano.
P7	Meu sentimento em relação à inclusão escolar é ambivalente: ao mesmo tempo em que reconheço a importância e o potencial transformador desse processo, também sinto frustração diante das inúmeras dificuldades e limitações práticas que impedem sua efetivação plena. Acredito que o processo de inclusão escolar melhorou significativamente ao longo dos anos, mas ainda está em construção e tem muito a avançar. Há 18 anos, quando comecei a atuar como

	professora, fui colocada em uma sala com alunos surdos sem qualquer suporte ou preparo. Recém-formada, me senti completamente perdida, pois não havia formação específica, recursos ou orientação para lidar com a situação. Hoje, vejo progressos importantes, como uma maior conscientização sobre a necessidade de inclusão, a presença de profissionais especializados em algumas escolas e mais discussões sobre o tema. No entanto, ainda existem muitas lacunas.
P8	Foi e é um passo muito importante e positivo, mas como citei anteriormente, há muito o que melhorar, principalmente em ações que vem do poder público.
P9	A inclusão é algo real. Capacitação, engajamento e organização dos processos educacionais é necessário.

Fonte: própria autora

Observa-se, por meio das falas acima, que os sentimentos dos docentes em relação à inclusão escolar são diversos e revelam tanto esperanças quanto frustrações. Alguns professores demonstraram acreditar que a inclusão vem avançando com o tempo, como mostra o depoimento da participante P7, que reconhece progressos importantes, mas também aponta que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Outros participantes, como P1 e P2, expressam esperança e consciência da importância da formação continuada, mostrando que estão dispostos a aprender mais e a melhorar sua prática. Já os relatos de P4 e P5 evidenciam sentimentos mais negativos, como frustração e até mesmo uma sensação de impotência diante dos desafios da inclusão, o que mostra o quanto esse processo ainda é difícil para muitos professores.

Apesar das dificuldades, também surgem sentimentos positivos. A fala de P6 destaca a satisfação em poder contribuir com o desenvolvimento dos alunos, e a de P8 reconhece a inclusão como um passo importante e necessário, mesmo que ainda haja muito a ser melhorado, principalmente no que diz respeito ao apoio por parte do poder público.

Essas falas mostram que os professores estão conscientes da importância da inclusão, mas que o caminho ainda é cheio de desafios. Eles sentem falta de formação adequada, apoio institucional, recursos e, principalmente, de ações mais concretas vindas da gestão pública. Ainda assim, mesmo diante das dificuldades, muitos seguem comprometidos com o ideal de uma educação mais justa e acolhedora para todos.

A rede de apoio no processo de inclusão escolar é muito importante para que o objetivo final – a aprendizagem do estudante -, aconteça de fato. Para tanto, existem pilares que auxiliam e sustentam a ação docente, como: a gestão escolar e a família. Em seguida, os participantes foram questionados com relação a participação da gestão e dos familiares, as respostas estão nos quadros 8 e 9 respectivamente.

Quadro 8. Participação da gestão no suporte à inclusão escolar

PARTICIPANTES	FALAS ILUSTRATIVAS
P1	Temos um bom suporte na escola inclusive com professores de apoio.
P2	Na escola onde atuo, a equipes estão trabalhando arduamente para que se obtenha resultados positivos.
P3	Precisa ser menos verticalizado de solicitar PDI e adaptação de avaliações e ser mais horizontalizado de aproximar os professores das atividades desenvolvidas pelos estudantes em outros atendimentos especializados.
P4	Ineficiente
P5	Eles fazem o possível, mas também falta pra eles subsídio dos órgãos componentes
P6	Excelente! É como uma família onde há preocupação com o bem-estar de todos.
P7	O suporte oferecido pela equipe gestora e pedagógica aos docentes varia de acordo com a escola e a realidade enfrentada. Em algumas situações, esse suporte é positivo, com abertura ao diálogo, reuniões frequentes e busca de estratégias conjuntas para enfrentar os desafios do dia a dia. Por outro lado, em muitos casos, o suporte ainda é insuficiente. A equipe gestoras e pedagógica não consegue oferecer o acompanhamento necessário, principalmente por: falta de recursos, formação específica e até mesmo devido à sobrecarga de suas próprias responsabilidades.
P8	Boa, mas o sentimento de que há muito o que melhorar permeiam a ações pedagógicas também.
P9	Acredito que sejam boas, pois disponibilizam o que são necessários para desenvolvimento de um bom trabalho.

Fonte: própria autora

Observa-se, por meio das falas acima, que o suporte oferecido pela equipe gestora e pedagógica é percebido de formas variadas pelos professores. Enquanto alguns relataram experiências positivas e apoio constante, outros demonstraram sentir que ainda há muito o que melhorar nesse aspecto.

Alguns participantes, como P1, P2, P6 e P9, descreveram a gestão como parceira, preocupada com o bem-estar da equipe e dos alunos, e presente no dia a dia da escola. Esses relatos mostram que, quando há diálogo, acompanhamento e envolvimento da gestão, os professores se sentem mais confiantes para enfrentar os desafios da inclusão escolar.

Por outro lado, outros professores expressaram opiniões mais críticas. A fala de P4 resume em uma única palavra: “ineficiente”, enquanto P5 reconhece os esforços da equipe, mas aponta que falta apoio por parte dos órgãos superiores. Já o depoimento da P7 apresenta uma visão equilibrada, mostrando que o suporte varia de escola para escola e que, muitas vezes, a gestão também enfrenta dificuldades, como falta de formação, recursos e tempo.

As falas demonstram que o suporte da equipe gestora e pedagógica é essencial, mas ainda não é uma realidade em todas as escolas. Onde ele existe de forma efetiva, os professores

se sentem mais acolhidos e fortalecidos. Onde está ausente ou fraco, surgem sentimentos de sobrecarga e abandono. Esses relatos reforçam a importância de uma liderança escolar comprometida com a inclusão, que consiga articular a equipe, promover formações, acompanhar os professores e garantir que ninguém esteja sozinho nesse processo. Uma gestão próxima e sensível às dificuldades da prática faz toda a diferença no sucesso da inclusão escolar. Agora com relação a participação da família no processo inclusivo, o quadro 9 apresenta os principais elementos discutidos pelos participantes.

Quadro 9. Participação da família no suporte à inclusão escolar

PARTICIPANTES	FALAS ILUSTRATIVAS
P1	Em muitos casos é a maior dificuldade, pois a família não apoia nem o aluno e nem a escola, negligenciam o caso, não buscam ajuda, orientação e diversas outras coisas que atrapalham o processo de ensino e aprendizagem.
P2	Muitas famílias não aceitam as limitações dos seus filhos e querem delegar esta responsabilidade para a escola.
P3	Essencial, a sensibilização da importância de a família reconhecer seu filho como aluno de inclusão escolar que precisará de mais acompanhamento na rotina escolar para que a escola seja uma parceira no desenvolvimento das habilidades dessa criança/jovem.
P4	Muitas vezes a família não contribuem para os processos de avanço e possuem, elas mesmas, mecanismos de negligência com tratamentos e medicações.
P5	A maioria não se empenha.
P6	Sim, mas precisa de mais envolvimento, de mais presença.
P7	Vejo a participação da família como um elemento essencial para o sucesso do processo de inclusão escolar. Quando a família está presente é nítido o impacto no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno, que é muito mais significativo. Por outro lado, percebo que a participação das famílias nem sempre acontece de maneira efetiva. Em alguns casos, há falta de envolvimento, seja por desconhecimento, desinteresse ou mesmo pelas dificuldades enfrentadas pela própria família. Em outros, há resistência em aceitar as particularidades do aluno.
P8	Vejo alguns pais presentes, outros não, mas o sentimento comum entre os pais, é querer que nos profissionais da educação, veja seu filho como uma criança normal tanto quanto as outras. O que é um sentimento totalmente legítimo e bonito.
P9	Bem aquém do que realmente deveria ser. Não generalizando, pois, a família que dá suporte necessário aos aprendizados de seu filho(a).

Fonte: própria autora

Observa-se, por meio das falas acima, que os professores reconhecem a importância da participação da família no processo de inclusão escolar, mas também apontam muitas dificuldades nessa relação. A maioria dos relatos destaca que, quando a família está presente e

comprometida, o desenvolvimento dos alunos tende a ser mais significativo. No entanto, essa presença efetiva ainda é algo distante da realidade de muitas escolas.

Os professores relatam que, em vários casos, as famílias não aceitam o diagnóstico da criança, têm dificuldades para participar da rotina escolar ou delegam totalmente à escola a responsabilidade pelo desenvolvimento dos filhos, como apontado nas falas de P1, P2, P4 e P5. Esses depoimentos revelam sentimento de frustração por parte dos docentes, que reconhecem a sobrecarga de trabalho quando não há esse apoio familiar.

Por outro lado, algumas falas também mostram compreensão quanto às dificuldades que as famílias enfrentam. A professora P7 destaca que, muitas vezes, a falta de envolvimento não vem por desinteresse, mas por falta de informação ou pelas próprias limitações das famílias. A fala de P8, por exemplo, mostra o quanto os pais desejam que seus filhos sejam vistos com igualdade, o que é legítimo e precisa ser acolhido pela escola com sensibilidade.

Apesar das críticas, os professores não deixam de valorizar o papel da família no processo de inclusão. Muitos reconhecem que, quando há parceria entre escola e família, o progresso dos alunos é visível, como relatado por P3, P6 e P9. Essas falas reforçam a ideia de que a inclusão não é responsabilidade apenas da escola, mas uma construção conjunta que exige diálogo, acolhimento e escuta.

Assim, fica evidente que o fortalecimento do vínculo entre escola e família é um dos caminhos mais importantes para uma inclusão de verdade, e que ainda precisa ser melhor construído no dia a dia escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo entender os desafios que os professores enfrentam para incluir os alunos público da Educação Especial e as estratégias que eles utilizam no dia a dia escolar. A pergunta que guiou a pesquisa foi: Quais são as dificuldades e estratégias dos professores para incluir alunos da Educação Especial na escola regular? A hipótese era que os professores enfrentam muitas dificuldades, principalmente por falta de formação e apoio, mas ainda assim tentam fazer o possível para promover a inclusão.

Através das respostas do questionário, foi possível confirmar essa hipótese. Os professores relataram falta de preparo, dificuldades com a participação da família, ausência de recursos e estrutura limitada. Também mencionaram sentimento de frustração e insegurança. Por outro lado, mostraram compromisso e disposição, utilizando adaptações, buscando apoio entre colegas e tentando aprender mais por conta própria.

O objetivo geral foi atingido, pois a pesquisa conseguiu identificar os principais desafios relatados pelos docentes e também as estratégias que estão sendo usadas para favorecer a inclusão dos alunos.

Os resultados mostram que ainda é necessário avançar em vários pontos. É preciso investir mais em formação continuada, oferecer melhores condições de trabalho, valorizar o trabalho colaborativo e aproximar a escola das famílias. Também é importante que a gestão escolar acompanhe mais de perto a inclusão e ofereça apoio real aos professores.

Este estudo contribui para mostrar a realidade enfrentada pelos professores que estão lidando com a inclusão. Ainda que existam avanços, o caminho ainda é longo para que a escola realmente se torne um espaço inclusivo para todos.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Hildete Pereira dos; ANDRADE, Emmanuele Pereira de; PEREIRA, Mirian Rosa. **A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 116-127, jan./abr. 2009.
- BUENO, J. G. S.; MARIN, A. J. **Crianças com necessidades educativas especiais, a política educacional e a formação de professores: dez anos depois.**
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 609-625, jul./set. 2013
- DIVERSA. **Brasil tem alta demanda por formação continuada em educação especial.** 2023. Disponível em: <https://diversa.org.br/noticias/brasil-tem-alta-demanda-por-formacao-continuada-em-educacao-especial>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- GALINDO, B. M. B. **Educação Especial: Atendimento educacional especializado em uma escola do município de Ji-Paraná.** Universidade Federal de Rondônia, 2012.
- GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Edu.Soc.*, v.31, p.113, p.1355-1379, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INSTITUTO RODRIGO MENDES. **Painel de Indicadores da Educação Especial: com base no Censo Escolar 2023.** São Paulo: Instituto Rodrigo Mendes, 2024. Disponível em: <https://diversa.org.br/indicadores/>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- LOMBA, Maria Lúcia de Resende; SCHUCHTER, Lúcia Helena. Profissão docente e formação de professores/as para à educação básica: reflexões e referenciais teóricos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.39, e41068, p.1-17, 2023.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.
- MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MENDES, Enicéia Gonçalves. **A formação de professores para a educação inclusiva.** *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 19, n. 28, p. 201-210, 2006.
- MISKALO, A. L., Cirino, R. M. B., & França, D. M. V. Formação docente e inclusão escolar: Uma análise a partir das perspectivas dos professores. **Boletim de Conjuntura**, v.14, n..41, 515-522, 2023.

POSO, Fabiana de Freitas; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. A perspectiva decolonial nos cursos de formação de professores: uma revisão de literatura. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-18, 2021.

TERRA, R. N., & Gomes, C. G. 2013. Inclusão escolar: carências e desafios da formação e atuação profissional. **Revista Educação Especial**, v.26, n.45, p.109-123, 2013.

TRINDADE, I. T. O., Feitosa, F. S., & Mota, J. S. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais: Desafios da prática docente. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.8, p.82-86, 2020.

APÊNDICE A)**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSOR**

26/04/2025, 16:02

QUESTIONÁRIO - Desafios docentes frente ao processo de inclusão escolar

**QUESTIONÁRIO - Desafios docentes
frente ao processo de inclusão escolar****TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA****Título do****Projeto:**

Educação Inclusiva: dificuldades e estratégias dos Professores no atendimento ao Público-Alvo da Educação Especial

Pesquisadores**responsáveis: Alessandra Aparecida da Silva****Orientadora:** Profa. Drª Aline

Cristina de Souza

e-mail: alinezenaro@gmail.com / Fone: (16) 99146-5822

Prezado (a) Professor (a),

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que pretende compreender qual é o seu desafio frente a inclusão escolar de estudantes público-alvo da Educação Especial (PAEE), considerando aspectos pedagógicos, curriculares, estruturais, recursos humanos, tecnológicos, dentre outros.

Para participar da pesquisa, não há necessidade de mudanças na sua rotina. A pesquisa consistirá em apenas uma etapa:

A primeira etapa consistirá na aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas, que não possuem certo ou errado, mas sim o vislumbre da sua percepção, enquanto docente, de aspectos relacionados a inclusão escolar.

Sua participação é voluntária. Você poderá solicitar mais esclarecimentos sobre a pesquisa a qualquer momento com a pesquisadora responsável ou junto a sua orientadora. Você é livre para suspender sua participação a qualquer tempo, caso não se sinta à vontade para continuar. Não existe contrapartida para esta pesquisa.

Este estudo não envolve riscos para a saúde dos participantes e nem há motivos para que eles sejam submetidos a constrangimentos. Este estudo não se propõe a fazer nenhuma avaliação do seu trabalho, mas colher informações relevantes para a melhoria do processo inclusivo.

As informações prestadas serão tratadas confidencialmente. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso aos registros, a sua identidade. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Caso os resultados da pesquisa venham a ser publicados, o serão com o uso de pseudônimos.

Os dados sobre essa pesquisa ficarão arquivados, por um período de 5 (cinco) anos junto a pesquisadora Professora Dra. Aline Cristina de Souza da UFMG e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se em formato online e a sua resposta as perguntas já nos sinaliza o aceite em participar.

* Indica uma pergunta obrigatória

Qual a sua idade? *

Texto de resposta curta

Qual é a sua formação inicial? *

Texto de resposta curta

Você possui pós-graduação? *

- Mestrado
- Doutorado
- Especialização

Se você possui especialização, indique em qual área *

Texto de resposta curta

Você possui alguma especialização ou formação continuada voltada para a Educação Especial? *

- Sim
- Não

Quanto tempo de atuação na educação básica? *

Texto de resposta curta

Você tem ou já teve experiência com estudantes público-alvo da Educação Especial? *

- Sim
- Não

⋮

Se você já teve ou tem experiência com estudantes público-alvo da Educação Especial, indique abaixo qual (is): *

- Deficiência física
- Deficiência visual
- Deficiência auditiva
- Deficiência intelectual
- Transtorno do Espectro Autista (TEA)
- Altas Habilidades/Superdotação
- Deficiência múltipla

Qual a sua percepção em torno do processo de inclusão escolar? *

Texto de resposta longa

Quais os desafios que você, como docente, tem com relação à inclusão na escola? *

Texto de resposta longa
.....

Considerando os desafios vivenciados, quais as possíveis estratégias, que você enquanto docente, acredita que possa ajudar a melhorar ou a sanar as dificuldades? *

Texto de resposta longa
.....

Qual o seu sentimento com relação a inclusão escolar? *

Texto de resposta curta
.....

Como você avalia o suporte da equipe gestora e da equipe pedagógica direcionado aos docentes? *

Texto de resposta curta
.....

Como você enxerga a participação da família no processo de inclusão escolar? *

Texto de resposta curta
.....